

Mulheres na História do Pensamento Econômico: Economia, Literatura e Retórica em Marcet e McCloskey

Women in the History of Economic Thought: Economics, Literature and Rhetoric in Marcet and McCloskey

**Liana Bohn (UFSC)
Brena Paula Magno Fernandez (UFSC)**

Resumo: A História do Pensamento Econômico tradicionalmente relegou um lugar marginal às mulheres e às contribuições realizadas por elas desde o despertar da Economia enquanto disciplina autônoma. O presente trabalho vai na contramão dessa tendência, ao recuperar a trajetória marcante de uma das mulheres pioneiras da economia, Jane Marcet (1769-1858), contrastando os seus escritos com as possibilidades de fazer ‘boa economia’ a partir de diferentes abordagens, inclusive a partir da literatura. Esse resgate se dá mediante as recomendações de McCloskey quanto à retórica na economia e à afirmação da autora de que ‘Economia é Literatura’.

Palavras-chave: Mulheres Pioneiras na Economia; Jane Marcet; Economia Feminista.

Abstract: History of Economic Thought traditionally relegated a marginal place to women and the contributions made by them since the awakening of Economics as an autonomous discipline. The present work goes against this trend, recovering the remarkable trajectory of one of the pioneer women of economics, Jane Marcet (1769-1858), and contrasting her writings with the possibilities of doing “good economics” from different approaches, including Literature. This rescue takes place through McCloskey’s recommendations regarding the rhetoric in economics and the author’s affirmation that “Economics is Literature”.

Key-words: Pioneer Women in Economics; Jane Marcet; Feminist Economics.

1. Introdução

As críticas epistemológicas e metodológicas à economia tradicional trazidas à baila por diversas correntes heterodoxas têm promovido uma defesa de novas formas de se fazer ciência que, reconhecendo as limitações de objetividade do pesquisador e a impossibilidade do seu completo afastamento face o seu objeto de análise, propõe alternativas que passam pela recuperação de abordagens tradicionalmente vistas como *soft* – qualitativas, metafóricas e históricas – ou “femininas” (para usar a terminologia empregada pela crítica feminista à economia) (STRASSMANN, 1993; HARDING, 1995; SEIZ, 1995).

Paralelo a estes esforços, as reivindicações das economistas feministas também propõem um resgate do papel das mulheres na história do pensamento econômico, garimpando trabalhos e contribuições realizados por pensadoras e economistas que foram invisibilizadas. Algumas delas conviveram com grandes nomes do pensamento clássico e neoclássico, tendo com eles discutido suas ideias; outras foram esposas que participaram ativamente da produção dos seus maridos, sem,

contudo, obterem qualquer reconhecimento por isso. A maioria dessas mulheres aprendeu economia de forma autodidata, dada a impossibilidade de acesso tanto ao ensino superior quanto às carreiras acadêmicas, dedicando-se à divulgação científica (DE BLAS & ABAROA, 2007).

Embora essas primeiras pensadoras possam ser consideradas à frente de seu tempo por desafiarem muitas normas sociais vigentes e romperem com alguns papéis que lhes cabiam enquanto mulheres, apenas algumas fizeram contribuições às discussões feministas da época, atualmente classificadas em torno da primeira onda do movimento. O fato de serem mulheres não condicionou, portanto, seus posicionamentos econômicos e nem a inclusão de problemas típicos das mulheres na economia, mas é provável que tenha cerceado as suas possibilidades de reconhecimento entre os pares, limitando-as à marginalidade da história do pensamento econômico.

Ainda que as reflexões destas pioneiras da economia não estivessem centradas nas causas das mulheres no espaço econômico, elas utilizaram muitas metodologias – heterodoxas – que hoje são defendidas no âmbito de diversas correntes para além da feminista. Nesse sentido, o presente trabalho busca recuperar a trajetória marcante de uma dessas mulheres pioneiras da economia, Jane Marcet (1769-1858), contrastando os seus escritos com as possibilidades de fazer ‘boa economia’ a partir de diferentes abordagens, inclusive a partir da literatura.

Acerca da intersecção entre economia e literatura, chama a atenção a classificação de Heizelman (1980), para o qual existe a *economia imaginativa*, que se refere ao modo como os sistemas econômicos são estruturados a partir de conceitos essencialmente ficcionais, e a *economia poética*, que alude a forma como os escritores literários utilizam o discurso econômico fictício para ordenar seu trabalho. Nas palavras de Osteen e Woodmansee (1999, p. 3), “imaginative economics reads economics literarily; poetic economics reads literature economically”. A segunda abordagem já tem algum espaço no debate sociológico e econômico, inclusive para a análise de escritores brasileiros¹, mas a primeira – que dá vazão à metáfora e à narrativa – ainda é incipiente.

A *economia imaginativa* de Heizelman nada mais é do que, no dizer de McCloskey (1993), reafirmar as potencialidades da téttrade retórica como forma de constituição de um melhor saber. De fato, a proposta que utilizaremos para conduzir esse resgate são as recomendações de Deirdre

¹ Estes são os casos dos trabalhos de Faoro (1976), Sereza (2014) e Franco (2008). Faoro (1976) analisa a ficção e os romances de Machado de Assis, a partir dos quais busca referências para a compreensão da sociedade, da política e da religião no Segundo Reinado, absorvendo o conteúdo de denúncia social. Esta possibilidade é aberta porque, para Faoro (1976, p. 486), “todos são filhos de igual teatro, comprometidos na mesma existência, quer a suscitada pelo historiador, quer a evocada pelo romancista”. Franco (2008) também se dedica à análise de Machado de Assis, mas mediante 39 crônicas a partir das quais propõem-se a fazer uma antologia temática que tem por base os eventos econômicos e financeiros do período da produção machadiana. Sereza (2014), por outro lado, aponta o papel central da economia em “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo, no qual os personagens são revelados a partir do papel que cumprem na vida econômica, expressando a complexidade da vida urbana no Rio de Janeiro em fins do século XIX, com a ascensão do capitalismo brasileiro e a passagem do trabalho escravo para o remunerado. Assim, no âmbito da economia poética, permite-se “através das relações entre as personagens, descrições e colocações de costumes, hábitos e trejeitos, diz[er] o não-dito, problematiza[r] o que foi relegado ao esquecimento e proporciona[r] ao leitor distanciado no tempo olhares de uma época por meio de sua arte” (BRUNETI, 2014, p. 12).

McCloskey, autora que trabalhou sobre a questão da retórica na economia em diversos momentos da sua trajetória acadêmica, sendo o primeiro deles num artigo de 1983 (McCLOSKEY, 1983) e depois em outras publicações (como por exemplo McCLOSKEY, 1990 e 1993).

Podemos dizer que Marcet tenha levado às últimas consequências a célebre e polêmica afirmação de McCloskey de que a “Economia é Literatura” (McCloskey, 1983, p. 508). Isso porque, por um lado, McCloskey estava usando o termo “literatura” num sentido mais metafórico, tendo em vista que, para ela, os economistas seriam todos “contadores de histórias”. Se tanto a teoria pura quanto os trabalhos econométricos possuem uma dimensão narrativa que é própria da *storytelling*, então algum grau de ficção sempre seria necessário para um melhor entendimento dos processos criativos dos economistas. Já para Marcet, por outro lado, a expressão “Economia é Literatura” precisa ser interpretada literalmente. Ou seja, ela estava, de fato, “contando histórias”.

Evidenciar as razões pelas quais essa dimensão retórica foi levada “ao pé da letra” por uma das primeiras mulheres economistas da história é, portanto, o objetivo principal desse texto. Para tanto, o artigo está dividido em quatro seções, contando com essa introdução. Na segunda seção fazemos uma breve exposição da proposta de McCloskey acerca do papel da retórica na economia, ou seja, propomos uma interpretação do significado metafórico que ela atribui à sua máxima “Economia é Literatura” como um gancho para, na terceira seção, apresentarmos o pioneirismo da trajetória de Jane Marcet enquanto mulher economista no século XIX, assim como da estratégia (literária) que ela lançou mão. Explorando um paralelismo antitético face ao que foi exposto na seção anterior, ressaltamos o significado textual que a sentença “Economia é Literatura” assumiu na sua proposta de divulgar a ciência econômica para além dos muros das universidades. Na quarta seção, que encerra e conclui o texto, fazemos um apanhado geral dos nossos principais achados, pontuando os prós e os contras que a estratégia narrativa de Marcet suscitou.

2. Retórica na Economia segundo McCloskey: “Economia é literatura” no sentido metafórico

Os anos 1980 e 1990 testemunharam, por um lado, um grande interesse pelo tema da retórica na ciência (CUPANI, 1996; PRELLI, 1989; PERA, 1988, 1991 e 1994) e, por outro, da retórica na economia em todo o mundo, inclusive por parte dos estudiosos da metodologia econômica no Brasil (ARIDA, 1983, 1996; BIANCHI & SALVIANO, 1996; FERNÁNDEZ, 1996, 1999; PAULANI, 1996, 1999; PRADO JÚNIOR, 1993, 1996; REGO, 1996).

Uma referência incontornável sobre o tema e à qual todos esses trabalhos, de uma forma ou de outra, precisaram fazer referência é a já referida obra seminal de McCloskey (1983), *The Rhetoric of Economics*. Tendo em vista a proeminência desse texto, bem como o seu caráter – em

muitos aspectos – polêmico, é com base em algumas das ideias apresentadas por McCloskey neste artigo que se baseia a maior parte da exposição a seguir.

Antes disso, porém, é necessário que se registre uma definição clara acerca daquilo que se entende por retórica científica. Segundo Prelli (1989, p.13 e ss), a retórica no contexto do discurso científico envolve “o uso persuasivo da linguagem como meio simbólico de induzir atos e atitudes cooperativos em seres capazes de simbolizar” de maneira que os tais discursos “apresentam alegações acerca do que existe; sustentam simbolicamente afirmações relativas a como deveríamos denominar, ordenar ou definir experiências, fazendo-as assim significativas”.

Outro ponto muito importante de se assinalar é que a discussão da retórica na economia é legatária de todo um movimento na filosofia da ciência. Como acertadamente aponta Bento Prado Jr. (1996, p. 8), os trabalhos de McCloskey sobre a retórica na economia:

[...] percorrem esse novo terreno aberto pela crise do ideal da *unified science* ou do ‘modernismo’, para usar a linguagem de McCloskey. Os limites desse novo terreno são bem definidos: crítica do positivismo, mas a partir de pontos de vista diferentes. Tais pontos são o neopragmatismo de Rorty, a teoria crítica na sua versão habermasiana, a integração ricœuriana dos instrumentos da filosofia analítica, da fenomenologia e da hermenêutica, a epistemologia kuhniana, com suas ideias de revolução científica e de mudança de paradigma. É dentro desse campo que ganha pertinência a questão retórica da economia.

De fato, para McCloskey, o estudo da retórica na economia surge como uma alternativa à metodologia oficial, baseada no empirismo e no positivismo lógico (que ela denomina “modernismo”), com ênfase no modelo hipotético-dedutivo de ciência. Um dos principais pontos de sua crítica é mostrar que os economistas não aderem à metodologia que eles mesmos se propõem, mas sim a outras práticas, sejam epistemológicas², sejam metodológicas³ que, por sua vez, são sintetizadas pela retórica. Segundo Bento Prado Jr. (1993, p. 206), o objetivo de McCloskey parece perfeitamente claro: “mostrar a completa incompatibilidade entre a prática real dos economistas e a autoconsciência epistemológica ou metodológica com a qual exercem essa prática”.

Para McCloskey, seguir estritamente as regras do modernismo levaria ao imobilismo científico. Isto porque diversas teorias – quer da economia, quer de outras disciplinas científicas – não passariam pelo crivo de “boa ciência” se fossem julgadas pelos preceitos modernistas. Na economia, por exemplo, a revolução keynesiana teria sido barrada desde a publicação da *Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, em 1936. Isso porque, segundo McCloskey, as primeiras evidências estatísticas que a corroboravam só foram apresentadas no início dos anos 1950, muito tempo depois de toda uma geração de economistas ter se tornado keynesiana. Este também seria o

² Usamos aqui o termo “epistemológica” em seu significado mais tradicional, ou seja, aquele relacionado à teoria do conhecimento, especialmente no que diz respeito a seus métodos, validade e escopo e à distinção entre crença e opinião justificadas.

³ Já o termo “metodológica” é usado aqui no sentido filosófico de *uma análise epistemológica do método econômico* e não no sentido mais pragmático de *uma caixa de ferramentas*.

caso da volta dos monetaristas nos anos 1970. *A Monetary history of the United States*, a obra seminal de Friedman e Schwartz também teria sido reprovada pela metodologia modernista. De fato, uma teoria econômica só é testada com base nas evidências, quando um número suficiente de economistas se importa o suficiente com ela para resolver testá-la. “Even quantitative studies (...) rely heavily on pre-quantitative arguments founding belief” (McCLOSKEY, 1983, p. 490).

Assim como ocorre na economia, o modernismo tampouco é seguido em outras ciências. Neste argumento, em especial, McCloskey tenta mostrar que até na matemática, a mais exata e rigorosa das ciências, os padrões de prova e demonstração não são aceitos sem questionamentos. Dois exemplos utilizados pela autora são o fracasso do programa de Hilbert em fundar a matemática em bases indubitáveis e a descrição de Lakatos em *Proofs and Refutations: The Logic of Mathematical Discovery* que, segundo McCloskey, é um exemplo de retórica na matemática. Para McCloskey, a adesão ao modernismo na economia deve-se em parte à tentativa de imitar metodologicamente determinados domínios das ciências naturais, com especial destaque à física newtoniana. Se essa imitação realmente fosse necessária, então a economia está atrasada em abandonar o modernismo: “If economics should imitate other sciences, imitate even the majesty of physics and mathematics (there is, to be sure, considerable doubt that it should), then it should officialy open itself to a wider range of discourse” (McCLOSKEY, 1983, p. 493).

O modernismo, para McCloskey, não é somente insuficiente ou inadequado. Ele é antes de tudo um método, e como tal, passível de críticas. Assim, pode até parecer que a autora advoga um anarquismo metodológico, desafiando qualquer tipo de autoridade nesta área. No entanto, não parece que McCloskey seja contra qualquer tipo de metodologia. Pelo contrário: ela reforça a sua crença e convicção na ciência ao afirmar que “se a escolha é entre ciência e irracionalismo, eu sou pela ciência” (MCCLOSKEY, 1983, p. 509), de modo que a crítica contra o método parece ser apenas contra aqueles que advogam determinadas regras inquestionáveis (McCLOSKEY, 1983).

Neste sentido, McCloskey está completamente alinhada à convicção dos filósofos da ciência que creem ser a discussão da retórica científica incontornável, tendo em vista que ela vem a suprir as lacunas que a racionalidade científica pura e simples não pode preencher. Segundo Pera (1994, p. 135), o estudo e a admissão da existência da retórica no discurso científico “permitem escapar do dilema entre conceber a ciência como regida por um discurso do método e entregá-la ao *anything goes*”. Com efeito, nas palavras de Cupani (1996, p. 72):

Retórica e racionalidade científica não são, por conseguinte, antagônicas. Cabe até observar que a reivindicação da racionalidade científica, negando a retórica, pode por sua vez ter um caráter retórico, quando implica *ignorer* – *ingénue* ou maliciosamente – a distância entre a ciência real e as suas reconstruções lógicas, exagerando a solidez do conhecimento científico e menosprezando outras formas de saber.

Para McCloskey, os economistas são mais parecidos com contadores de histórias do que cientistas de avental branco. Quer pensemos em teoria pura, quer em trabalhos matemáticos, estatísticos ou econométricos, não importa: todos possuem uma dimensão narrativa que viola as “regras da realidade”. Que tipo de “gênero literário” (no sentido metafórico) os economistas estão utilizando para argumentar?

Pure theory in economics is similar to the literary genre of fantasy. Like fantasy it violates the rules of reality for the convenience of the tale; and, of course, amazing results become commonplace in a world of hypothesis. (...) The task of pure theory is to make up fantasies that have a point, in the way that Orwell's *Animal Farm* has a point.

(...)

Good empirical work in economics, on the other hand, is like realist fiction. Unlike fantasy, it claims to follow all the rules of the world (well... all the important ones). But of course, it is fictional (MCCLOSKEY, 1983, p. 68).

Em seu ensaio *Storytelling in economics*, McCloskey examina estilos de discurso econômico. Ela distingue dois tipos: narrações, e discursos orientados por modelos (ou discursos “metafóricos”). Segundo a autora, os usos corretos da narrativa e da metáfora são, às vezes, desvirtuados na Economia. Por exemplo: quando uma metáfora é usada ingenuamente na narrativa histórica, ela se enreda em contradições lógicas, como as contrafactuais. Significa dizer que, se um modelo é usado para narrar algo que poderia ter ocorrido, porém não aconteceu, ele vai contradizer logicamente a história. O problema tem a ver com o caráter contrafactual de relatos deste tipo.

Muito embora certa vez tenha, ela própria, curiosamente lançado mão da mesma forma literária que Marcet também usou para expressar conteúdo econômico (McCloskey, 1994, cap. 18 *apud* FERNÁNDEZ, 2000, p. 602-603), fazer literatura com conteúdo econômico certamente não era o foco de McCloskey, como o foi em Marcet, autora que será discutida com mais detalhes na próxima seção.

3. O pioneirismo de Jane Marcet: “Economia é Literatura” no sentido literal

A vida e a obra de Marcet são primordialmente estudadas a partir de seu papel como mulher economista e de como sua obra permitiu que outras mulheres – e as pessoas comuns – tivessem também acesso às discussões econômicas. Seu mérito está em sua coragem de escrever sobre economia por ser mulher (quando a educação ainda era diferenciada da dos homens e havia restrições ao ensino formal), mas também porque mesmo entre os homens da época a economia não era um assunto usual. Portanto, seus textos nasceram fora dos muros das universidades, sem o aval dos acadêmicos, mas tiveram um grande efeito ao dar credibilidade aos temas econômicos, inclusive fazendo com que os economistas clássicos se tornassem mais conhecidos e ganhassem autoridade institucional (HOLLIS, 2002).

Importante salientar que o trabalho de Marcet também é reconhecido no âmbito da pedagogia por suas estratégias educacionais, evidenciadas já no início de sua carreira literária com a publicação de *Conversations on Chemistry* (1809), que vendeu 160 mil cópias em 16 edições apenas nos Estados Unidos, levando Michael Faraday⁴ a considerá-la sua primeira professora (HOLLIS, 2002; DIMAND, FORGET & NYLAND, 2004). Publicado anonimamente (apenas na edição de 1839 que o nome da autora foi adicionado à capa), a obra é ilustrada com seus próprios desenhos, sendo um dos primeiros livros didáticos de ciências básicas. Possuía a forma de diálogos entre uma professora, Mrs. Bryan, e duas alunas, Emily e Caroline, o que indica ser principalmente voltado para meninas e mulheres jovens, embora seu público fosse muito mais amplo. O formato adotado será mantido no trabalho seguinte aplicado à economia, que terá o mérito de defender a inserção do debate econômico da época como parte do sistema educacional (SHACKLETON, 1990; BECCHIO, 2020)⁵.

Conversations on Political Economy; on which the elements of that Science are familiarly explained, também publicado anonimamente em 1816 (apenas com uma menção ao autor de *Conversations on Chemistry*), era dirigido a jovens leitores, especialmente às camadas mais ricas da sociedade. Sobre seu título, cabem dois destaques. O primeiro deles é com relação à economia política enquanto uma ciência. No século XIX, o termo tinha um sentido mais amplo do que é utilizado hoje, e direcionava-se àquilo que retratava a realidade, uma mescla de ação humana com natureza. Isso ia de encontro à literatura (que no período fazia referência à ficção), deixando evidente que, embora utilizando-se de diálogos, a obra trataria de conceitos ‘reais’/não-ficcionais. O segundo ponto remete ao objetivo de Marcet – tais conceitos seriam explorados de maneira didática, ou ‘explicados de forma familiar’ (HOLLIS, 2002).

O livro é composto por 22 capítulos, um para cada diálogo entre as duas personagens já utilizadas pela autora em trabalho anterior – a tutora/professora (Mrs. B) e a aluna (Caroline) – deixando evidente que a economia política era onipresente e tratava de temas que todos deveriam conhecer porque conectada ao progresso da humanidade, servindo de alternativa à moralidade cristã (HENDERSON, 1995; DE BLAS & ABAROA, 2007). Nas palavras de Marcet (1827, p. 9-10):

The science of political economy is intimately connected with the daily occurrences of life, and in this respect differs materially from that of chemistry, astronomy, or any of the natural sciences; the mistakes we may fall into in the latter sciences can have little sensible effect upon our conduct, whilst our ignorance of the former may lead us into serious practical errors.

⁴ Considerado um dos grandes cientistas da história, fez contribuições significativas na química e na física, especialmente no estudo do eletromagnetismo e na eletroquímica.

⁵ Os esforços de Marcet não compreendem, entretanto, uma iniciativa educacional isolada, mas fazem parte de um movimento mais amplo que buscava se afastar de uma aprendizagem polida (focada nos estudos culturais e nas línguas-mães – latim e grego), para um conhecimento útil. Com esse intuito, o conhecimento também não deveria se restringir às classes altas da sociedade, mas deveria abarcar também os trabalhadores, uma vez que a educação seria marcada pela lógica de Bentham – informar para a prática econômica e social (HENDERSON, 1995).

Os questionamentos de Caroline ancoram-se em sua percepção de mundo, onde ela identifica injustiças e desigualdades sociais. Sua humanidade é contrastada pelos fatos da economia política trazidos por Mrs. B, inclusive ao revelar que muitas iniciativas que tinham como finalidade melhorar a vida das massas poderiam ser equivocadas. Neste contraste entre tutora e aluna tem-se o confronto entre as posições femininas e masculinas: “the uninformed and benevolent ‘feminine’ position is overcome by a ‘masculine’ and ‘rational’ perspective” (HOLLIS, 2002, p. 387). Para além disso, como Marcet se baseou em sua própria experiência, é difícil não estabelecer um paralelo entre as personagens com a autora: Caroline a representaria antes do estudo da economia política, enquanto Mrs. B seria a versão posterior, com os conceitos da disciplina já compreendidos (HENDERSON, 1995).

A escolha de Marcet pelo diálogo⁶ permite que pelo menos dois pontos de vista sejam observados, de modo que um leitor independente pode concordar com a visão de Caroline e ir construindo um conhecimento a partir da interação com Mrs. B. Esse formato neo-socrático, quando aplicado ao discurso científico, permite ao leitor a oportunidade de explorar a linguagem da área de discussão, assim como associar seus temas a recortes ficcionais (ROSTEK, 2014). Conforme Marcet (1827, p. 14), nas palavras de Mrs. B:

The language of a science is frequently its most difficult part, but in political economy there are but few technical terms, and those you will easily comprehend. Indeed, you have already a considerable stock of information on this subject, but your notions are so confused and irregular, such a mixture of truth and error, that your business will rather to be select, separate, and methodise what you already know, than to acquire new ideas.

Não se trata, portanto, de uma versão diluída da ciência adequada ao público-alvo, mas de uma maneira diferenciada – ou um método de ensino – de publicizar a ciência genuína. Para evitar essa interpretação, o trabalho realizado por Marcet deveria ser visto como um esforço educacional, mais do que a mera popularização⁷. Isso fica explícito na expectativa de que Caroline não seja uma receptora passiva das ideias econômicas, mas um instrumento de seu próprio aprendizado. Portanto, diferentemente da catequização, o objetivo é afastar-se da memorização, com o conhecimento sendo aprendido para ser aplicado a um fim – ser útil (HENDERSON, 1995).

Em relação às temáticas exploradas pelos capítulos, tem-se um panorama geral sobre o que os autores clássicos estavam discutindo – salários, a teoria malthusiana da população, a teoria

⁶ Conforme Henderson (1995), os diálogos de Marcet também poderiam ser associados à defesa de Hume para este método quando o objetivo é tratar de qualquer questão complexa da filosofia, ou naquelas circunstâncias em que o objeto de discussão é óbvio, mas precisa ser compreendido.

⁷ Para Shackleton (1990), o sucesso do livro com a finalidade educativa deve ser analisado no contexto da época. Embora tenha atingido um grande público, foi pensado principalmente para meninas de classes média e alta e, naquele momento, Marcet não tinha por objetivo ensinar economia política para as classes trabalhadoras.

ricardiana da renda⁸, a visão de Smith sobre o trabalho produtivo e improdutivo, uma versão preliminar da teoria quantitativa da moeda e os conceitos de vantagens absoluta e comparativa aplicadas ao comércio internacional (BODKIN, 1999). Para isso, “Marcet, as a popularizer, takes implicit stories and rhetorical strategies, and develops them. Appropriating the economic narratives told by Adam Smith, Thomas Malthus, Jeremy Bentham, and David Ricardo, Marcet extends and embellishes them” (HOLLIS, 2002, p. 381-382).

Entretanto, diferentemente da perspectiva pessimista que dominava a Economia Política, Marcet era otimista em relação ao futuro porque não via limites ao crescimento da produção, da renda e da riqueza, como esperado por Ricardo, assim como não estava convencida de que as altas taxas de natalidade inviabilizariam a melhora das condições de vida da classe trabalhadora, como proposto por Malthus (HOLLIS, 2002). De acordo com Polkinghorn (2000), esse otimismo talvez fosse exagerado, mas estava de acordo com o que ela vislumbrava enquanto pioneira da educação econômica.

Ainda que tenho expectativas distintas dos autores que referencia, Marcet (1827) evitou entrar em debates e polêmicas, inclusive sendo essa uma das sugestões de Ricardo. Para ele, se *Conversations* explorasse o confronto com Malthus, acabaria gerando uma dificuldade de aprendizagem para Caroline⁹ (POLKINGHORN, 2000; HENDERSON, 1995). Neste caso, já no prefácio, Marcet (1827) afirma que alguns temas são omitidos e outros são discutidos sem levar a uma conclusão. Isso se devia tanto aos conhecimentos limitados da autora, quanto às dificuldades inerentes à própria ciência.

A interlocução de Marcet com alguns pensadores econômicos da época deixa evidente que ela estava em uma posição ideal para ter contato com novas ideias da economia política, o que se identifica em uma das passagens de Mrs. B: “It has been my good fortune to have passed a great part of my life in a society where this science has been a frequent topic of discussion, and the interest I took in it has induced me to study its principles in the works of the best writers on the subject” (MARCET, 1827, p.15). Essas possibilidades vinham principalmente por intermédio de seu irmão, Alexander Marcet, que conhecia Malthus e Ricardo. Além deles, a família passou a ter um relacionamento próximo com Nassau Sênior e a esposa (SHACKLETON, 1990).

Além do acesso às discussões, a condição familiar de Marcet proporcionou que diversos economistas clássicos lessem e fizessem comentários para o *Conversations*. Ricardo leu a primeira

⁸ Marcet, por exemplo, utilizava-se de análises comparativas para mostrar o que aconteceria se, *ceteris paribus*, a colheita ou o número de trabalhadores se reduzisse, ou ainda se o estoque de capital fosse ampliado, o que se associa com a interpretação ricardiana (SHACKLETON, 1990).

⁹ A partir dessa proximidade, é possível que Jane Marcet tenha tido acesso às ideias de Ricardo antes da publicação de *Principles of Political Economy and Taxation*, que aconteceria um ano após a primeira edição de *Conversations on Political Economy*, já que nos diálogos há muitos elementos da economia ricardiana, como a explicação sistemática de que a renda viria das diferenças de produtividade da terra (SHACKLETON, 1990).

edição da obra, recomendou o livro para sua filha e deu alguns conselhos para uma segunda versão, tendo preferido a terceira edição da obra. De acordo com os relatos de Maria Edgeworth¹⁰, Ricardo dizia ter se tornado moda entre as damas azuis falar sobre economia política, de modo que as mulheres de alta classe já exigiam que as governantes ensinassem os conceitos econômicos para suas filhas (SHACKLETON, 1990; BECCHIO, 2020).

Alguns outros nomes que elogiaram *Conversations* são Macaulay, McCulloch, Say e Malthus (BECCHIO, 2020). McCulloch registrou em *Literature of Political Economy* (de 1845) que a obra de Marcet compreendia a melhor introdução à Ciência Econômica disponível (SHACKLETON, 1990). Say afirmou que Marcet era a única mulher que escreveu sobre economia política, mostrando-se superior a muitos homens (POLKINGHORN, 2000), enquanto Malthus tinha expectativas de que a obra trouxesse resultados positivos na popularização da economia política, familiarizando as pessoas sobre os temas que não eram, até então, amplamente discutidos (HOLLIS, 2002). Conforme Shackleton (1990), tais elogios voltados às autoras que tratavam de assuntos técnicos eram, no contexto da época, pouco experienciados.

Além de *Conversations*, obra de maior sucesso da autora no escopo da Economia Política, Marcet publicaria mais duas obras na área: *John Hopkins's Notions on Political Economy* (1833) e *Rich and Poor* (1851). A primeira delas foi lançada pouco antes da aprovação da Nova Lei dos Pobres com o intuito de moldar a compreensão das massas sobre sua posição na sociedade, explicando o papel dos trabalhadores no bem-estar nacional. Assim como no trabalho anterior, a defesa do *laissez-faire* e da harmonia de classes foi reiterada (HOLLIS, 2002).

Dessa vez, por meio de contos, Marcet procurou demonstrar que a riqueza das camadas favorecidas seria benéfica a todos porque estimularia a economia, de modo que o conforto dos pobres derivava da riqueza dos ricos. Muito embora Malthus o tenha elogiado, esse texto não teve o mesmo sucesso de seu trabalho anterior que, como já mencionado, era voltado para grupos sociais com poder econômico.

O texto é constituído de uma coleção de nove histórias originais que se centram na figura de John Hopkins, um trabalhador agrícola que sustentava uma família numerosa com seu pequeno salário (POLKINGHORN, 2000). Em um dos contos, John Hopkins teve o seu salário dobrado, porém ao invés de auferir todos os benefícios esperados, ele teria permanecido na miséria porque ampliara-se o desemprego e os preços da economia haviam subido, reduzindo seu poder de compra. A moral da história era a de que não se deve elevar os salários acima do nível natural, convergindo para a ideia de que não haveria melhorias na vida dos trabalhadores caso ocorresse uma reorganização drástica – para pior – na sociedade e na economia (SHACKLETON, 1990).

¹⁰ Maria Edgeworth (1768-1849) conviveu com Marcet e escreveu livros infantis que traziam alguns conceitos da economia política.

Após 18 anos, Marcet publicaria seu último livro de Economia Política – *Rich and Poor*, voltado para as crianças. Seguindo os esforços de Maria de Edgeworth, a história se passava em uma escola do interior e teria como personagens apenas homens - o Sr. B e sua turma de seis meninos. Ao longo de 13 lições, abordam-se tópicos como trabalho, lucro, capital, salários, maquinaria, comércio, dinheiro e bancos, em uma insistência da autora no sentido de identificação das leis da economia como leis da natureza (SHACKLETON, 1990). Embora tenha uma estrutura semelhante às publicações anteriores, a esta obra não foi dado tanto mérito, talvez porque as discussões fossem mais simplórias, o que pode estar associado ao fato de ser voltado ao público infantil. Outra hipótese é que Marcet, naquela altura, já teria perdido o contato com os temas econômicos latentes que marcavam a vida das pessoas em meados do século (POLKINGHORN, 2000).

Nessa realidade social, Marcet é fruto de seu contexto. Embora seja disruptiva pela posição que assume em uma discussão dominada por homens – se Adam Smith é o pai da economia, Marcet (junto a Harriet Martineu¹¹) são as “Eve Smith” do seu tempo (ROSTEK, 2014)¹² –, não discute explicitamente o que se pode chamar de questões de gênero e feministas na economia (participação no mercado de trabalho, segregação ocupacional, desigualdade salarial, cuidados e divisão sexual do trabalho). Conforme Rostek (2014, p. 25), Marcet “uphold the gender norms set forth by their times, but on the other, they negotiate and question them”.

Pelo lado da manutenção das normas de gênero, Marcet via as mulheres como importantes atores na economia doméstica e na relação entre a família e a esfera pública, de modo que Caroline, por exemplo, parte de um entendimento econômico apoiado na sua experiência enquanto agente social. O questionamento, todavia, manifesta-se no reconhecimento de que as mulheres eram capazes de pensar e tomar decisões racionais tanto quanto os homens (BODKIN, 1999) e, de forma cooperativa, compreender a economia mediante exemplos, textos antigos e contemporâneos e literatura, mostrando não haver limitações para o conhecimento feminino (HENDERSON, 1995).

A escolha pelas personagens, do mesmo modo, pode ser associada às duas faces desse conflito. De um lado, a defesa da educação para as mulheres – que já aparecia em textos de profeministas anteriores ao trabalho de Marcet (como em Poullain de La Barre e em Marquês de Condorcet) e que estampa a obra que marca o surgimento da primeira onda do feminismo, de Mary

¹¹ Harriet Martineu (1802-1876) é uma economista/socióloga inglesa, autora de *Illustrations of Political Economy* (1823–24). Admiradora do trabalho de Marcet, também é reconhecida por seus esforços em tornar a disciplina de economia política amplamente conhecida e compreendida (FORGET, 2000).

¹² Em 1832, há uma nota no *Tait's Edinburgh Magazine* sugerindo que as mulheres estavam determinadas a fazer da economia política um espaço delas (ROSTEK, 2014).

Wollstonecraft¹³. De outro, a opção pode sugerir que seria mais fácil descartar as objeções quando realizadas por uma aluna, de modo a associar as contestações à economia política como femininas e ingênuas.

Mesmo que alinhada aos limites da economia política, a história do pensamento econômico desconsidera o fato de que um dos economistas ingleses mais vendidos do século XIX era mulher. Quando há alguma menção a isso, em geral é acompanhada da visão de Marshall, desdenhosa em relação à escolha retórica adotada por Marcet (SHACKLETON, 1990). A preocupação da difusão das ideias econômicas para a população também era defendida por Marshall, mas ele criticou o trabalho dela porque o considerava mera propaganda sobre economia, traduzido em verdades sem qualquer preocupação com as premissas e as hipóteses que asseguravam as conclusões. Ainda assim, ele admitia que essa crítica não recaía apenas sobre a autora, mas sobre diversos escritores do período para os quais havia uma crença na *verdade* da economia. Talvez por isso fosse defensor de que essa divulgação devesse ser realizada pelos responsáveis pela profissionalização da disciplina (HENDERSON, 1995).

Na medida em que a análise econômica se tornou mais refinada tecnicamente, manteve-se do passado apenas aquilo que trouxe contribuições significativas à teoria vindoura – e esse não era o caso de Marcet. Como baluarte desse processo, Marshall elevou a ciência ao status de religião secular, já que não coadunava com a interpretação de economistas políticos, porque vistas como simples e imprecisas, associada a uma abordagem restrita aos problemas sociais. Marcet (assim como Martineu) acabam sendo seus bodes expiatórios, absorvendo as críticas da economia clássica como um todo. Conforme Shackleton (1990, p. 284), “he saw them as ‘parasites’ who had warped popular ideas of the scientific core of political economy”. Além disso, existe uma tendência de rebaixar os textos dessas autoras por elas serem vistas como meras principiantes ou seguidoras dos cânones do pensamento econômico (HENDERSON, 1995), o que se manifesta também na invisibilização das mesmas pelos estudiosos de história do pensamento, que as percebem apenas mediante seu papel na popularização da teoria econômica (PETERSON & LEWIS, 1999).

¹³ Sobre essa aproximação com Wollstonecraft, há um trecho em que Marcet (1827, p. 11) comenta sobre o porquê de as mulheres aprenderem sobre economia, uma vez que elas não têm acesso, por exemplo, à política. Neste caso, Mrs. Bryant afirma que é importante porque elas podem ensinar seus filhos e, assim, impactar a vida social: “*Caroline: Well, after all, Mrs. B; ignorance of political economy is a very excusable deficiency in women. It is the business of Government to reform the prejudices and errors which prevail respecting it; and as we are never likely to become legislators, is it not just as well that we should remain in happy ignorance of evils which we have no power to remedy?*”

Mrs. B.: When you plead in favour of ignorance, there is a strong presumption that you are in the wrong. If a more general knowledge of political economy prevented women from propagating errors respecting it, in the education of their children, no trifling good would ensue: Childhood is spent in acquiring ideas, adolescence in discriminating; and rejecting those which are false; how greatly we should facilitate this labour by diminishing the number of errors imbibed in early youth, and by inculcating such ideas only as are founded in truth!”

A Economia ser Literatura em seu sentido literal é, entretanto, uma escolha de estilo adequada aos fins pretendidos por Marcet. Apesar disso, essa escolha é tolhida porque condicionada pelo gênero, dada as possibilidades limitadas que se apresentavam às mulheres de então. Quando a Ciência Econômica moderna surge, entre o final do século XVIII e início do século XIX, às mulheres ainda era restrito o acesso ao conhecimento formal (principalmente às universidades) e ao que hoje chamamos de ‘linguagem acadêmica’, de modo que falar de economia implicava fazer uso do que conheciam: literatura ou arte (ROSTEK, 2018). Conforme Rostek (2021, p. 5), “knowledge historically produced by women and other underprivileged subjects often evades the frameworks of established disciplines, which is why to move beyond gender it is necessary to move beyond disciplines”.

Por outra ótica, o desenvolvimento institucional e a consolidação do capitalismo viriam a criar a necessidade de novas formas de descrição da economia e da vida social, que se refletiriam nos textos de economia política e nos romances da época. Estes romances seriam uma forma de separar as esferas tradicionalmente reputadas como “masculinas” e “femininas”, divorciando economia e literatura, o político do doméstico, o público do privado. Na literatura estaria a imaginação sobre diferentes realidades possíveis; na economia, a descrição de uma realidade vívida (OSTEEN & WOODMANSEE, 1999). Assim, no final do século XVIII e início do século XIX é possível vislumbrar uma cisão generalizada entre escritos ficcionais, feminizados, e aqueles pertencentes ao domínio da razão, reservado aos autores masculinos (ROSTEK, 2014). Marcet rompeu com esses limites invisíveis, cruzando as fronteiras ao associar a literatura com a descrição da realidade¹⁴. Torna-se uma das *outsiders* que desafiam e contribuem com as ideias econômicas em um momento em que a cultura intelectual ainda não era tão rígida com relação à especialização acadêmica (HENDERSON, 1995)

English women of the late eighteenth and early nineteenth centuries developed and formulated original ideas on the economy. They wrote as women (i.e. from a female perspective), revealing how fundamentally gender determines economic experiences, roles, and outcomes (...) Rather, women’s texts constitute an equally important counterpart to the writings by men classical political economists. It is socially relevant to pursue the aim of a ‘herstory’ of economic thought, not only because ‘economic discourse is a prime terrain for political struggle’, but also because the formation and dissemination of knowledge touches upon relations of power, mechanisms of inclusion and exclusion, and ways of making sense of the world – both in the past and present (ROSTEK, 2021, p. 2-3).

Conforme já destacado, os historiadores contemporâneos do pensamento econômico atribuem pouco valor às contribuições de Marcet para a evolução da teoria econômica. Entretanto, seu objetivo não era propor teorias disruptivas ou confrontar-se com as teorias que apareciam, mas educar os jovens para as teses desenvolvidas pelos autores clássicos. Nesse intuito, não restam

¹⁴ Quanto ao formato, conforme Hollis (2002), vários escritores do século XVIII e XIX, especialmente as mulheres, utilizaram-se de fábulas e de diálogos para fins didáticos, que tinham por objetivo alcançar a população comum.

dúvidas que ela foi extremamente bem-sucedida, utilizando-se da literatura como modo de expressão econômica. Seu trabalho propiciou a difusão do pensamento econômico para o público geral (especialmente para as mulheres), o que pode ter afetado o modo como tais agentes viam as relações econômicas e tomavam suas decisões (PETERSON & LEWIS, 1999).

(...) not only are they capable of unravelling the impenetrable male ‘jargon of unintelligible terms’ and of negotiating difficult subject matter; they also know to translate complex economic principles into a language that will ensure their intelligibility to and application by the general public. Hence, their works are presented as just as, or possibly even more, useful than those of the male ‘masters’. Made in a society permeated by utilitarian principles, this claim should not be dismissed lightly (ROSTEK, 2014, p. 28-29).

A não percepção da utilidade dos trabalhos de Marcet remete à interpretação contemporânea de alguns pares com relação à utilização de abordagens tratadas como femininas, ou limitadas aos espaços destinados às mulheres. Essa abordagem, entretanto, acaba sendo também utilizada pelos cânones do pensamento clássico, mas de uma maneira mais sutil, já que o cruzamento da economia com a literatura não remete apenas às obras de ficção. Além dos interesses literários, Henderson (1995) destaca que os autores do período desenvolviam escritas narrativas para facilitar a transmissão das ideias, utilizando sua imaginação para apresentar imagens da vida econômica. Parece haver, assim, uma preocupação com o estilo na produção econômica dos séculos XVIII e XIX. Isso acontece, por exemplo, já no trabalho de Adam Smith¹⁵ – o “contador de contos econômicos” – exemplificado na fábrica de alfinetes. A mais famosa metáfora da economia para a ilustrar o conceito de divisão do trabalho pode ser interpretada como “(...) social realism, based upon observation, or what we could consider to be a field method” (HENDERSON, 1995, p. 15), ou seja, também Literatura, senão em sentido literal, pelo menos nos termos propostos por McCloskey.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço de discussão da História do Pensamento Econômico relegou um lugar marginal às mulheres e às contribuições realizadas por elas desde o despertar da Economia enquanto disciplina autônoma. Em um reforço para recontar essa história, incluindo-as onde sempre estiveram, fica evidente o modo como seus trabalhos se utilizaram de ferramentas e objetivos distintos daqueles a que estamos habituados nos tradicionais espaços do saber, marcados pelo empirismo e pelo positivismo lógico.

¹⁵ Conforme Henderson (1995, p. 15): “Smith wrote, as far as we know, no purely fictional works in the sense of novels or critical essays upon novels, though in the *Lectures on Rhetoric and Belles-Lettres*, he undertook literary criticism. He was, however, both well-read and well-travelled and exhibits in the *Lectures on Rhetoric and Belles-Lettres* a command of questions of style and rhetoric and its associated literature (what he called the ‘very silly books’ of classifications of rhetorical devices)”.

Em se tratando de dar visibilidade a Jane Marcet e a suas obras, especialmente *Conversations on Political Economy*, trabalho pioneiro no ensino de economia, temos uma ilustração antecedente daquilo a que as críticas epistemológicas e metodológicas trazidas por correntes heterodoxas propuseram nas últimas décadas. Em pleno século XIX, a economista voltou-se para um trabalho de difusão do conhecimento econômico para além dos muros das universidades, capaz de colocar a economia política no currículo educacional dos jovens das classes altas. Para isso, utilizou-se da Literatura e da contação de histórias em diferentes formatos.

Embora Literatura e Economia pareçam conjuntos disjuntos, o despertar da *herstory* na disciplina (a história do pensamento econômico das mulheres, sejam elas as pensadoras ou o objeto de análise) rompe com essa premissa, levando à afirmação de McCloskey de que a “Economia é Literatura” em seu sentido metafórico (MCCLOSKEY, 1983, p. 508). No caso de Marcet, as metáforas foram deixadas de lado para assumir a literalidade, porque havia limites a suas contribuições em um espaço já demarcado por homens e pela ciência, ainda um reduto masculino.

É difícil mensurar o quanto das decisões de Marcet são apoiadas em escolhas ou condicionadas a suas possibilidades: teria ela se dedicado a fazer com que o conhecimento econômico chegasse à população comum se tivesse tido amplo espaço ao ‘mercado das ideias’ nas universidades? Teria ela se utilizado da literatura para discutir economia se tivesse acesso à linguagem do conhecimento (e a seus moldes de comunicação)? Ainda que por vias diversas daquelas dos autores clássicos, Marcet não foi ingênua com relação às temáticas e aos objetivos propostos, amparando-se em pessoas eruditas e submetendo-se constantemente à crítica e à incorporação de sugestões e de correções em suas obras. O senso de responsabilidade sobre o que abordava fica evidente na reflexão de Henderson (1995): embora tenha ganho muito destaque no período, protestava contra a ideia de ser uma escritora original, seja na Ciência Econômica ou na Literatura. Ela desejava ser útil!

A importância que teve ainda em vida faz coro sobre sua ‘utilidade’, mas é inegável que Marcet é um produto de seu tempo e de seu contexto social. Rompe a bolha da discussão econômica, fazendo contribuições significativas para que as teorias chegassem a um amplo público, mas não entra na seara das reivindicações feministas, nem traz um olhar crítico à economia nascente, quando já começavam a se delinear os primeiros indicadores de androcentrismo que marcarão as teses econômicas subsequentes, assim como os limites metodológicos da disciplina.

A partir do trabalho de Marcet, verificar a Economia como Literatura em seu sentido literal é uma forma de constatar que diferentes abordagens podem ser úteis na construção de uma ‘boa economia’, com instrumentos adequados aos objetivos, e não o contrário. Por outro lado, se a Literatura é vista como um limite, suas desviantes metafóricas, conforme propostas por McCloskey, têm o intuito de melhorar a transmissão do conhecimento dos economistas, sendo imprescindível

para tal. Nos dois casos, há críticas voltadas para deslegitimar o que é estranho ao ‘fazer ciência’ (no contexto empirista e do positivismo lógico). Tais depreciações, entretanto, apenas deixam evidente que, conforme Rostek (2021), o discurso econômico é um terreno de luta política, bem como uma demarcação de relações de poder na produção de conhecimento do presente e do futuro. Se esse não era o objetivo de Marcet no século XIX, esse é ao explorarmos seu trabalho com as interpretações do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARIDA, P. A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica em Retórica na Economia. In: REGO, J.M. (Org.) *Retórica na Economia*. São Paulo: Editora 34, 1996. - Segunda versão do trabalho publicado originalmente em 1983 como texto para discussão PUC/RJ.
- BECCHIO, G. The woman question and political economy. In: BECCHIO, G. *A history of feminist and gender economics*. Nova York: Routledge, 2020.
- BIANCHI, A.; SALVIANO, C. Prebisch, a Cepal e seu discurso: um exercício de análise retórica. In: REGO, J.M. (Org.) *Retórica na Economia*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- BODKIN, R. G. The issue of female agency in Classical Economic Thought: Jane Marcet, Harriet Martineau, and the Men. *Gender Issues*, v. 17, p. 62-73, 1999.
- BRUNETI, M. *Os discursos sobre o trabalho em 'O Retrato' de Érico Veríssimo*. 2014. 90 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, 2014.
- CUPANI, A. A dimensão retórica da racionalidade científica. *Reflexão*, Campinas, p. 54-76, 1996.
- DE BLAS, L.P.; ABAROA, E.G. (Coord.) *Mujeres economistas: las aportaciones de las mujeres a la ciencia económica y a su divulgación durante los siglos XIX y XX*. Madri: Ecobook, 2007.
- DIMAND, R.W.; FORGET, E.L.; NYLAND, L. Retrospectives: Gender in Classical Economics. *Journal of Economic Perspectives*, v. 18, n. 1, p. 229-240, 2004.
- FAORO, R. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional – Série Brasileira, 1976.
- FERNÁNDEZ, R. G. A retórica e procura da Verdade em Economia. In: REGO, J.M. (Org.) *Retórica na Economia*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- FERNÁNDEZ, R. G. Retorica y Economia: argumentos a favor del pluralismo y de la conversacion civilizada. In: SCARANO, E. (Org.). *Metodologia de las ciencias sociales: logica, lenguaje y racionalidad*. Buenos Aires: Ediciones Macchi, p. 283-301, 1999.
- FERNÁNDEZ, R. G. McCloskey, Mäki e a Verdade. *Estudos Econômicos*, v. 30, n. 4, p. 597-628, 2000
- FORGET, E.L. Harriet Martineau (1802-76). In: DIMAND, R.W.; DIMAND, M.A.; FORGET, E.L. *A Biographical Dictionary of Women Economists*. Cheltenham: Edward Elgar, 2000.
- FRANCO, G. (Org) *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- HARDING, S. Can feminist thought make economics more objective? *Feminist Economics*, v.1, n.1, p. 7-32, 1995.
- HEINZELMAN, K. *The Economics of the Imagination*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1980.
- HENDERSON, W. *Economics as Literature*. Londres: Routledge, 1995.
- HOLLIS, H. The rhetoric of Jane Marcet's popularizing political economy. *Nineteenth-Century Contexts: An Interdisciplinary Journal*, v. 24, n. 4, p. 379-396, 2002.
- MARCET, J. *Conversations on Political Economy*. 6ª Ed. Londres: Longman, Rees, Orme, Brown, and Greens, Paternoster-Row, 1827.

- McCLOSKEY, D.N. The Rethoric of Economics, *Journal of Economic Literature*, 21, p. 481-517, 1983.
- McCLOSKEY, D.N. Storytelling in Economics. In: NASH, C. *Narrative in Culture: the uses of storytelling in sciences, philosophy and literature*. London: Routledge, 1990, p. 5-22.
- McCLOSKEY, D.N. Some consequences of a conjective economics. In: FERBER, M.A.; NELSON, J.A. *Beyond economic man: feminist theory and economics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- OSTEEN, M.; WOODMANSEE, M. Taking account of the New Economic Criticism. In: WOODMANSEE, M.; OSTEEN, M. (Ed.) *The New Economic Criticism: studies at the intersection of literature and economics*. Londres: Routledge, 1999.
- PAULANI, L. Ideias sem Lugar: sobre a retórica da economia de McCloskey. In: REGO, J.M. (Org.) *Retórica na Economia*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- PAULANI, L. Modernidade e Discurso Econômico: ainda sobre McCloskey. *Revista de Economia Política*, vol. nº 4 (76), out./dez, 1999.
- PERA, M. Breaking the Link Between Methodology and Rationality. A Plea for Rhetoric in Scientific Inquiry. In: BATENS, D. e VAN BENDEGEM, J. (eds.) *Theory na Experiment*. Dordrecht-Boston: D. Reidel, p. 259-276, 1988.
- PERA, M. The Role and Value of Rhetoric in Science. In: PERA, M; SCHEA, W. (eds.) *Persuading Science*, p. 29-53, 1991.
- PERA, M. The Discourses of Science (trad. Do original italiano “Scienza e Retorica”). Chicago-London: The University of Chicago Press, 1994.
- PETERSON, J.; LEWIS, M. (Ed.) *The Elgar Companion to Feminist Economics*. Cheltenham: Edward Elgar, 1999.
- POLKINGHORN, B. Jane Haldimand Marcet (1769-1858). In: DIMAND, R.W.; DIMAND, M.A.; FORGET, E.L. *A Biographical Dictionary of Women Economists*. Cheltenham: Edward Elgar, 2000.
- PRADO JÚNIOR, B.; CASS, M. J. A Retórica da Economia segundo McCloskey. *Discurso*, n. 22, pp. 205-221, 1993.
- PRADO JÚNIOR, B. A Retórica da Economia segundo McCloskey. In: REGO, J.M. (Org.) *Retórica na Economia*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- PRELLI, L. *A Rhetoric of Science. Investigating Scientific Discourse*. Columbia: University of Columbia Press.
- REGO, J.M. Retórica na Economia – ideias no lugar. In: REGO, J.M. (Org.) *Retórica na Economia*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- ROSTEK, J. Female Authority and Political Economy: Jane Marcet’s and Harriet Martineau’s contradictory strategy in disseminating economic knowledge. In: MERGENTHAL, S.; NISCHIK, R.M. Anglistentag 2013 Konstanz. *Proceedings*. Disseldorf: WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2014.
- ROSTEK, K. Implementing Feminist Economics for the study of literature: the economic dimensions of Charlotte Brontë’s Shirley revisited. *Brontë Studies*, v. 43, n. 1, p. 78-88, 2018.
- ROSTEK, J. *Women’s economic thought in the Romantic Age: towards a transdisciplinary herstory of economic thought*. Londres/Nova York: Routledge, 2021.
- SEIZ, J.A. Epistemology and the tasks of Feminist Economics. *Feminist Economics*, v. 1, n. 3, p. 110-118, 1995.

SEREZA, H. C. O Cortiço, Romance Econômico. *Novos Estudos*, CEBRAP, n. 98, p. 185 – 200, Mar./ 2014.

SHACKLETON, J.R. Jane Marcet and Harriet Martineu: pioneers of economics education. *History of Education*, v. 19, n. 4, p. 283-297, 1990.

STRASSMANN, D.L. Feminist thought and Economics; or, what do the Visigoths know? *The American Economic Review*, v. 84, n. 2, p. 153-158, 1993.